



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1901 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Indagações de uma Lagarta: aprimorando a linguagem oral e escrita por meio da imaginação  
Patricia Maria Barbosa Jorge Sparvoli Costa - PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

## **Indagações de uma *Lagarta*: aprimorando a linguagem oral e escrita por meio da imaginação**

### **Resumo**

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em que trabalhamos com contos de fadas, como *Alice no País das Maravilhas*, com uma sala de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior paulista. Nossa proposta foi investir na construção de processos imaginativos para que dessa forma, atividades de linguagem fossem realizadas e com isso, avanços na alfabetização pudessem ser alcançados. Como questão norteadora de nosso estudo temos: “Como um trabalho pautado nos contos de fadas, pode contribuir no aprimoramento/desenvolvimento da linguagem oral e escrita de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, tendo como eixo condutor a construção de processos imaginativos?” A metodologia consistiu em criar um ambiente altamente imaginativo em que os personagens interagiam diretamente com os alunos. Concluimos, por meio da teoria histórico-cultural que as produções das crianças, suas falas e o envolvimento na proposta de intervenção evidenciaram mudanças no que se refere à aprendizagem e ao interesse a partir do trabalho com os contos de fadas e a atividade criadora.

**Palavras-chave:** imaginação; linguagem oral; linguagem escrita.

## **Indagações de uma *Lagarta*: aprimorando a linguagem oral e escrita por meio da imaginação<sup>[1]</sup>**

### **Resumo**

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em que trabalhamos com contos de fadas, como *Alice no País das Maravilhas*, com uma sala de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior paulista. Nossa proposta foi investir na construção de processos imaginativos para que dessa forma, atividades de linguagem fossem realizadas e com isso, avanços na alfabetização pudessem ser alcançados. Como questão norteadora de nosso estudo temos: “Como um trabalho pautado nos contos de fadas, pode contribuir no aprimoramento/desenvolvimento da linguagem oral e escrita de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, tendo como eixo condutor a construção de processos imaginativos?” A metodologia consistiu em criar um ambiente altamente imaginativo em que os personagens interagiam diretamente com os alunos. Concluimos, por meio da teoria histórico-cultural que as produções das crianças, suas falas e o envolvimento na proposta de intervenção evidenciaram mudanças no que se refere à aprendizagem e ao interesse a partir do trabalho com os contos de fadas e a atividade criadora.

**Palavras-chave:** imaginação; linguagem oral; linguagem escrita.

## Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em que trabalhamos com contos de fadas, como *Alice no País das Maravilhas*, com uma sala de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior paulista. Apesar de já terem passado pelo ciclo de alfabetização, os alunos apresentavam uma considerável defasagem no processo de alfabetização, isto é, apresentavam erros ortográficos, uma dificuldade latente na escrita de textos, além de questões a serem mais bem compreendidas acerca de pontuação, coesão e coerência. Assim, nossa proposta foi trabalhar com os contos de fadas, investindo na construção de processos imaginativos para que, dessa forma, diferentes atividades de linguagem fossem realizadas.

Como questão norteadora de nosso estudo temos: “Como um trabalho pautado nos contos de fadas, pode contribuir no aprimoramento/desenvolvimento da linguagem oral e escrita de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, tendo como eixo condutora construção de processos imaginativos?” É importante ressaltar que nossa pesquisa tem na teoria histórico-cultural seu embasamento teórico.

Trata-se de uma pesquisa-intervenção e pautando-nos nas reflexões de Rocha e Aguiar (2003, p. 66) entendemos que “a pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa [referindo-se à análise dos sentidos que vão gradativamente ganhando consistência nas práticas], assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico”. Nessa perspectiva, Gonçalves (2013) corrobora que este tipo de pesquisa permite o fazer compartilhado, o “fazer com”. Assim, objetivamos que, por meio das intervenções, ao vivenciarem situações, as crianças compartilhassem e construíssem conhecimentos, contribuindo assim, com a produção dos resultados de nosso estudo.

Realizamos, durante cerca de um mês, observações na sala de aula, para compreender quais tipos de atividades de Língua Portuguesa eram realizadas, se a professora explorava a leitura de diversos gêneros textuais, como as crianças interagiam frente às propostas e ainda, como eram feitas as produções de textos. Percebemos que a principal proposta no que se refere à linguagem escrita era o reconto de textos, porém, dentro da sala era chamado, tanto pela professora quanto pelos alunos, de reescrita. As crianças evidenciaram que se sentiam desmotivadas e não entendiam o motivo de terem que cumprir esse tipo de tarefa.

## Metodologia

Como metodologia das atividades de intervenção optamos por trazer os personagens o mais próximo possível das crianças, para que dessa forma houvesse um envolvimento maior. Nas intervenções referentes ao conto *Alice no País das Maravilhas*, a pesquisadora se apresentou como a *Alice*, contando trechos da história e interagindo com as crianças.

A leitura de uma história ou mesmo uma contação oral necessita de um preparo do contador para que a criança seja instigada e conduzida para o mundo mágico que está prestes a adentrar. Conforme nos indica Montezzi e Souza (2013, p.79) “é preciso investir no modo de contar, modificando o meio físico, criando um cenário e um clima que desperte o interesse do ouvinte”.

No mesmo viés, Girardello (2011) assegura que:

Contar e ouvir histórias age como uma pequena clareira nesse bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. Longe em anos-luz e longe no tempo, desde o passado mítico ao futuro intergaláctico. E podem exercitar, ao mesmo tempo, a possibilidade de sentir-se radicalmente perto de si próprias, enquanto a batida dos corações acelera, e os pelinhos dos braços arrepiam de emoção (Idem, p.83).

Assim, compreendemos que apenas começar a ler a história para as crianças, não seria o bastante, foi preciso um planejamento cuidadoso para que elas se interessassem pela história.

## Indagações de uma *Lagarta*: aprimorando a linguagem oral e escrita por meio da imaginação

Trazemos para este trabalho um dos momentos de intervenção intitulado *Indagações de uma Lagarta* em que nosso enfoque foi promover a percepção de si frente à sociedade em que os alunos estão inseridos, para que a partir de um diálogo em grupo aprimorassem a linguagem oral e fossem capazes de produzirem um texto escrito.

A *Lagarta* é uma das personagens bastante emblemáticas de *Alice no País das Maravilhas* que dialoga com a personagem principal, instigando reflexões pessoais que permitiram à *Alice* pensar sobre si mesma. Nesse viés, criamos um cenário, que continha uma imagem em tamanho grande da *Lagarta*, velas, apagamos as luzes da sala e a pesquisadora, que no caso, era a *Alice*, explicou que as crianças ouviriam por um gravador perguntas e falas que a *Lagarta* faria às crianças:

1. *Quem é você?*
2. *Que quer dizer com isso? Explique-se!*
3. *Não entendo.*
4. *Tenho uma coisa importante para dizer: Controle-se!*
5. *De que tamanho você quer ser?*

**Figura 1 – Indagações de uma Lagarta**



Fonte: Acervo da pesquisadora

As crianças ouviam a fala da *Lagarta*, procuravam o balão que continha a pergunta feita pela *Lagarta* e fixavam próximo à imagem, possibilitando uma visualização melhor do que discutiríamos. A partir de um clima distinto do que estavam habituados, as crianças conseguiram se expressar e puseram em evidências sentimentos pessoais que contribuíram para uma melhor percepção de quem realmente são.

No início da discussão, estavam tímidos e monossilábicos, porém, ao longo das questões conseguiram se expressar e trazer à tona sentimentos profundos que os deixavam felizes ou tristes.

Pesquisadora (P): O que a *Lagarta* perguntou?

Léo<sup>[2]</sup>: Quem é você?

Flávia: Uma menina.

Jonas: Um ser humano.

Daniela: Sou a Daniela.

Léo: É difícil falar sobre a gente, é uma coisa pessoal

Trouxeram à conversa, informações superficiais que os caracterizavam, porém, aos poucos foram dialogando com mais informações, tais como: sou de tal cidade, aluno de tal professora e ainda, o que gostavam de fazer.

A experiência constituiu-se em um intenso momento para que os alunos explanassem suas opiniões, possibilitando o desenvolvimento da linguagem oral, condição pouco notada no período de observação dos alunos.

Logo após o nascimento somos inseridos em um meio em que a fala constitui elemento essencial para a comunicação entre os sujeitos. É a partir da relação e da interação com as pessoas que fazem parte de sua vida, que essa criança irá começar a desenvolver habilidades e interesses, resultando na formação de sua personalidade. Sendo algo bastante comum na vida do homem, a oralidade é pouco explorada no ambiente escolar, já que a preocupação maior é com a linguagem escrita.

Vigotski afirma que desde bebê há uma intensa comunicação – entre recém-nascido e adultos. Por meio do choro, uma função psicológica elementar fundamentalmente instintiva, o bebê mobiliza a atenção do adulto para realizar os cuidados necessários e garantir a sobrevivência desse recém-nascido. Nesse contato inicial, inúmeras trocas vão sendo construídas entre os adultos e os bebês e, ao longo desse processo interativo, juntamente com o desenvolvimento físico

e cognitivo, as funções psicológicas elementares transformam-se em funções psicológicas superiores, ou seja, os comportamentos biológicos modificam-se em comportamentos adquiridos de acordo com as relações socioculturais. Por volta dos dois anos de idade, inicia-se o que Vigotski denomina de linguagem articulada, em que a fala se articula ao pensamento, conhecida por Linguagem Intelectual ou Pensamento Verbal. A criança inicia o processo de atribuição de significado às palavras, ampliando a sua inserção na sociedade e fazendo-se entender frente às pessoas. Assim, corroborando com Vigotski, assumimos a importância da interação social, seja ela familiar ou escolar para a construção de conhecimentos em diferentes momentos da vida humana.

No caso da aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita, sendo elas, exemplos de funções psicológicas superiores, ambas correspondem ao acúmulo da experiência cultural. Vale salientar que a linguagem oral faz parte da vida da criança bem cedo, já a escrita corresponde a um sistema simbólico no qual a criança se apropria mais tarde, ao compreender suas funções.

A atividade envolvendo a personagem da *Lagarta* provocou uma densa discussão acerca de como os alunos percebiam a si próprios, possibilitando que compartilhassem sentimentos e construíssem elementos para que na atividade posterior, conseguissem expressar, por meio da linguagem escrita, o que achavam mais importante.

P: O que tem dentro da gente?

Léo: Sentimentos.

Flávia: A gente tem raiva, alegria.

Théo: Dor.

P: Dor física, Théo? Ou é um sentimento?

Théo: Às vezes fico com dor no músculo quando jogo futebol e fico com uma dor no coração, quando perco o jogo, quero começar a chorar.

Daniela: Quando brigo com minha melhor amiga, sinto uma dor no coração.

Percebemos que as crianças refletiram acerca de uma dor física e uma dor interior, identificando e analisando seus próprios sentimentos. Ademais, os alunos reconheceram que cada pessoa possui uma individualidade, com sentimentos e problemas diferentes.

Lívia: Eu acho que a *Lagarta* está querendo saber a mesma coisa: Quem é a gente.

P: Isso, a *Lagarta* quer conhecer vocês de verdade.

Daniela: A gente é uma pessoa única. Nunca vamos encontrar outra pessoa igual...com a mesma idade, mesmo nome, com a mesma personalidade, com os mesmos sentimentos e problemas. Nem os irmãos gêmeos são iguais.

Outra vertente essencial em nossa pesquisa é a questão da imaginação. Quando a pesquisadora iniciou a atividade, explicou que havia voltado para o mundo dos contos de fadas e conversando com a *Lagarta*, ela também quis conhecê-los melhor.

Daniela: Você voltou para seu mundo?

P: Voltei.

Lívia: Aí a *Lagarta* gravou as perguntas para a gente responder?

P: Isso. Aí nós vamos ouvir, conversar e depois escrevemos. Eu vou ler para a *Lagarta* o que vocês escreverem, entenderam?

Apesar de serem crianças maiores e possivelmente, perceberem que todo aquele universo de fantasia era apenas para que se aproximassem da história, deixavam-se envolver, adentrando na brincadeira. Cabe destacar que durante os diálogos, Théo evidenciou que sentia dificuldade em responder questões de cunho pessoal, fazendo uma analogia com a dificuldade da pesquisadora que para eles era a própria *Alice*, como vemos na conversa a seguir:

Théo: Está muito difícil essas perguntas...

P: Por quê?

Flávia: Porque a gente tem que falar da gente.

P: Mas não deveria ser fácil? Por que quem conhece melhor a gente do que nós mesmos?

Théo: É difícil. Você não soube responder quando a *Lagarta* te perguntou... lá no seu mundo.

A imaginação é um processo extremamente complexo, como bem afirma Vigotski (2009). Para o autor, a atividade criadora é aquela em que se cria algo novo, isto é, a criação de um objeto do mundo externo; uma construção da mente ou ainda, de um sentimento, conhecida apenas pela pessoa que está criando.

Há uma grande diferença no que se refere à definição de imaginação proposta pela psicologia e pelo cotidiano. A primeira é denominada imaginação ou fantasia, a atividade criadora. Já no cotidiano, imaginação ou fantasia corresponde a tudo aquilo que não é real, que não corresponde à realidade, assim sendo, não pode ter nenhum significado prático sério (VIGOTSKI, 2009, 2014). O autor diz que a imaginação é a base de toda atividade criadora e está presente em todos os campos da vida cultural, possibilitando a criação artística, a científica e a técnica. “Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e criação humana que nela se baseia”. (Idem, p.14). É interessante pontuar que a imaginação, da mesma forma que a linguagem é uma função psicológica superior e é potencializada por meio das experiências que o indivíduo vive. Assim, afirma que a atividade criadora depende intrinsecamente da riqueza e da heterogeneidade das experiências vivenciadas pela pessoa, pois é a partir destas experiências que são formados os materiais que compõem a construção da fantasia.

Durante o período de observação, as crianças evidenciaram com palavras e atitudes, resistências e dificuldades ao escreverem textos. Entretanto, a partir de uma proposta em que as crianças participaram ativamente, expressando-se livremente e refletindo sobre si mesmos, puderam se aproximar do tema tratado.

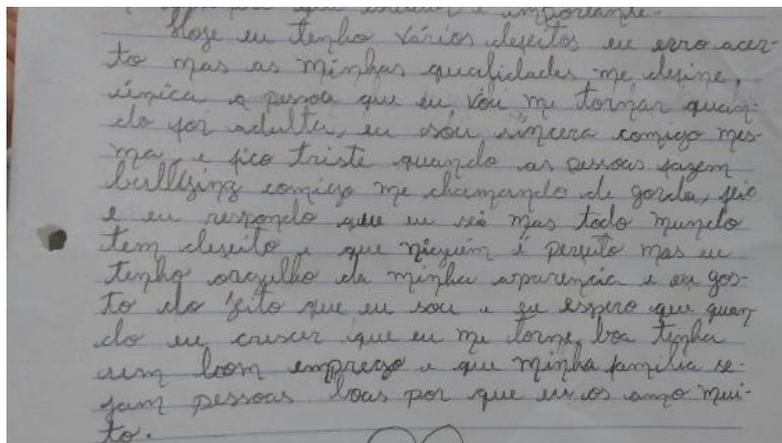
A proposta seguinte foi a elaboração de um texto em que se auto descreviam, podendo trazer elementos do que tínhamos discutido. Não houve resistência na produção do texto, pelo contrário, após a pesquisadora explicar o que deveriam realizar, as crianças iniciaram a produção, o que demonstrou um movimento de mudança em relação ao envolvimento nas atividades de produção escrita.

Vigotski (2014) afirma que a linguagem escrita é mais difícil, pois possui suas próprias leis, que diferenciam das leis da linguagem oral. O autor atenta para o fato de que a linguagem falada é sempre compreensível para a criança, a partir do estabelecimento de um número razoável de significados de palavras. Dessa forma, por meio da comunicação ativa entre pessoas, a comunicação oral flui com muito dinamismo, diferentemente da linguagem escrita, que é endereçada a um interlocutor que não se mostra claramente. Na escola as crianças escrevem para tirar nota e, muitas vezes, o professor nem figura como interlocutor, mas como avaliador. As reflexões a respeito de para quem está escrevendo, por que e como escrever ficam de fora. Cabe pontuar que a linguagem escrita é abstrata e para que a criança a compreenda é essencial que se invista nos estímulos que cercam essa questão. A criança escreve melhor sobre assuntos que lhe interessam, pois ela pensou, conversou e refletiu sobre o tema previamente. “É muito frequente que a criança escreva mal porque não tem sobre o que escrever” (VIGOTSKI, 2014, p. 55), sendo uma situação frequente no ambiente escolar em que temáticas pouco interessantes são impostas aos alunos.

A estrutura dos textos das crianças seguiu praticamente uma mesma ordem – se apresentaram, trazendo seus nomes, idade, cidade em que moram e preferências. Alguns alunos conseguiram um refinamento maior em detalhes ao expressarem seus sentimentos, articulando suas ideias. Contudo, apesar da discussão que realizamos, algumas crianças trouxeram poucas opiniões, respondendo apenas as questões propostas pela personagem. Esse fato nos mostra como o processo de alfabetização está sendo conduzido de maneira mecânica em que se detêm ao relato de histórias ou perguntas e respostas. Possivelmente, estavam escrevendo pela primeira vez sobre si mesmos com elementos advindos da construção de processos imaginativos e ao mesmo tempo, foram convidados a realizarem uma autorreflexão.

No texto de Valentina percebemos que ela consegue expressar momentos em que se magoa com comentários de outros alunos, mas entende que é única e que está feliz com sua aparência. Consegue articular percepções de como se constitui como sujeito trazendo uma perspectiva de futuro junto à sua família.

Figura 2 – Texto Valentina



hoje em tempo vários defeitos eu erro acer-  
to mas as minhas qualidades me define,  
simples a pessoa que eu vou me tornar quan-  
do for adulta, eu sou simples como meu  
pai e fico triste quando as coisas fazem  
bullying comigo me chamando de gorda, sei  
e eu sei que eu sei mas todo mundo  
tem direito e que ninguém é perfeito mas eu  
tenho orgulho da minha aparência e eu gos-  
to do jeito que eu sou e eu espero que quan-  
do eu crescer que eu me torne boa ter que  
um bom emprego e que minha família se-  
jam pessoas boas por que eu os amo mu-  
to.

Fonte: Acervo da pesquisadora

Ao começar a escrever seu texto, Yara chama a pesquisadora e diz:

Yara: Nós iremos ler em voz alta, para todos?

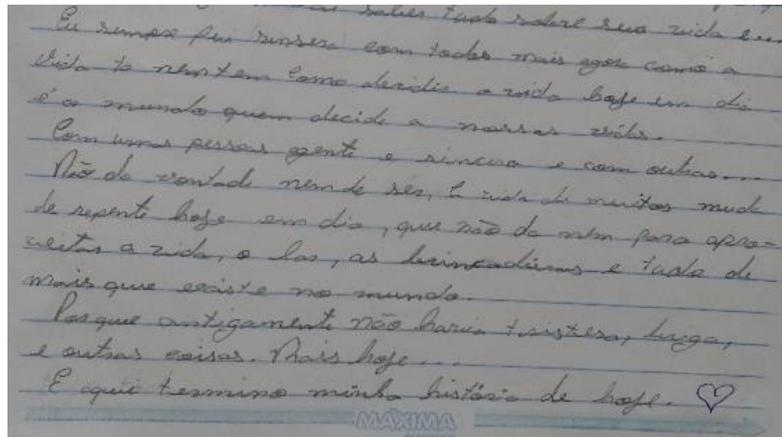
P: Não sei, Yara. Quem quiser, pode ler sim. Mas por que você quer saber?

Yara: Porque se tiver que ler, vou escolher o que vou escrever. Se for só pra você ler ou levar pra Lagarta, tudo bem... conto tudo!

Percebemos que Yara tomou consciência de que escreve para o *outro* e ao escrever se comunica com as pessoas, compreendendo assim, a função social da escrita, preocupando-se de que maneira iria se expor frente aos outros alunos.

No mesmo viés de Valentina, Yara também é capaz de transferir para seu texto sentimentos, embora negativos de visão de mundo, possivelmente influenciada pelo ambiente em que vive. Compara sentimentos do passado com os do momento atual de sua vida, porém, sem expressar a razão dessa transformação.

Figura 3: Texto Yara

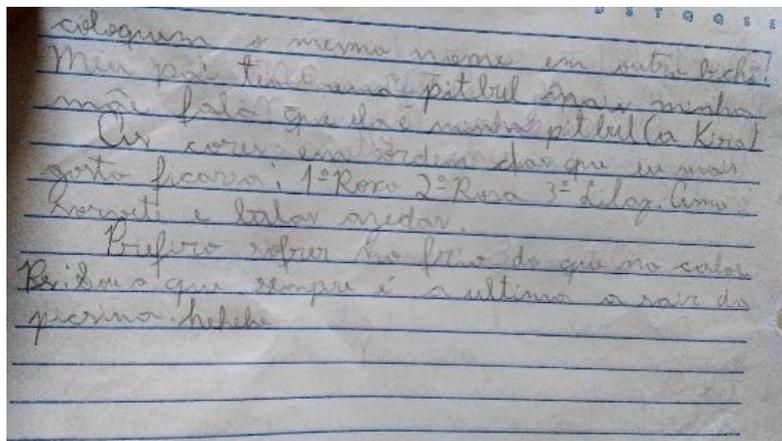


Eu sempre fui simples com todas as coisas como a  
vida te mostra como decide a vida hoje em dia  
é o mundo quem decide a nossa vida.  
Com uma pessoa gente e simples e com outras...  
Não de vontade nada não, a vida de muitos muda  
de repente hoje em dia, que não dá nem para apre-  
nder a vida, o lar, as brincadeiras e tudo de  
mais que existe no mundo.  
Porque antigamente não havia televisão, jogo,  
e outras coisas. Não hoje...  
É aqui termino minha história de hoje. ♡

Fonte: Acervo da pesquisadora

Aline, por sua vez, mostra uma dificuldade em se expressar e descrever a si própria, ficando presa a elementos superficiais como a cor e outras preferências.

Figura 4: Texto Aline



Fonte: Acervo da pesquisadora

Com os diálogos a partir das perguntas da *Lagarta*, as crianças adentraram em um ambiente altamente imaginativo, que possibilitou refletirem acerca de si mesmas, e puderam resgatar experiências e memórias acerca de como foram sendo constituídos como indivíduos únicos pertencentes à sociedade. Para Vigotski (2009, p. 14), “o cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento”.

Tanto a exploração da linguagem oral como a compreensão da razão pela qual iriam escrever serviram como base e estímulo para a produção textual. Essa experiência possibilitou o surgimento de outras situações e novos comportamentos em relação à linguagem oral e à escrita.

### Considerações finais

As produções das crianças, suas falas e o envolvimento na proposta de intervenção evidenciaram mudanças no que se refere à aprendizagem e ao interesse a partir do trabalho com os contos de fadas e a atividade criadora. Dessa forma, os indícios observados demonstram a potencialidade dos contos de fadas tanto na construção imaginativa como no aprimoramento/desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

### Referências

GIRARDELLO, G. (2011). Imaginação: arte e ciência na infância. *ProPosições*, 22(2), 72-92.

GONÇALVES, K. V. *Espaços de autoria e legitimação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem*. Dissertação (Mestrado em Ambiente, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal do Semi-Árido, Mossoró, 2013.

MONTEZI, A. V.; SOUZA, V.L.T.de. Era uma vez um sexto ano: estudando a imaginação no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional* (Impresso), v. 17, p. 77-86, 2013.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23 (4), 64-73, 2003.

VIGOTSKI, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*: apresentação e comentários de A. L. Smolka. São Paulo: Ática. (Publicado originalmente em 1930).

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criatividade na infância*. Trad. João Pedro Fróis. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

[1] Nota a ser incluída posteriormente

[2] Os nomes atribuídos às crianças são fictícios.